

Considerações sobre a apropriação do moderno na arquitetura residencial em Belém.

LIMA, Rodrigo Augusto de. (1); CHAVES, Celma. (2)

1. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
rodrigoadelima10@gmail.com

2. Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
celma_chaves@hotmail.com

RESUMO:

As políticas governamentais nos anos 1930 expressaram, em grande medida, o espírito da modernidade na arquitetura. Em Belém essas obras ocorreram na avenida Presidente Vargas, a qual se tornou símbolo da modernização com a renovação da edificação institucional, comercial e residencial. Os objetivos do artigo são: estudar as residências que apresentam elementos apropriados da arquitetura moderna produzida em Belém por engenheiros no período de 1940-60 e perceber a produção popular de residências de referências modernas. Por meio de levantamento fotográfico constatou-se a existência de um conjunto significativo de casas que apresentam formas, elementos construtivos e soluções compositivas referenciadas no repertório moderno e uma análise qualitativa das residências de referência moderna que está relacionada à distribuição espacial na cidade e por meio de fotografias que documentam este processo de recepção (CHAVES, 2012) e a maneira de reapropriação, revisão e replicação (LARA, 2005) da estética da arquitetura moderna na identificação dos elementos modernos de suas fachadas, possibilitando o mapeamento de áreas de ocorrência desses exemplares. A partir da identificação das variadas tipologias residenciais, as primeiras observações sobre esses exemplares levam-nos a considerar, preliminarmente, que estes se constituíram de acordo com as necessidades e com as aspirações estéticas dos grupos sociais que os produziram.

Palavras-chave: Modernidade, apropriação, arquitetura moderna, Belém.

Introdução.

Na cidade de Belém observa-se uma “primeira modernidade” no final do século XIX até a primeira década do século XX. Promovida pelo intendente Antônio Lemos, por meio de obras de revitalização e embelezamento de áreas centrais da cidade, possibilitadas pela intensa atividade extrativista da borracha e que se empregava o grande sonho da riqueza e da cidade aos moldes europeus, incentivou “novos hábitos e modos de vida da sociedade urbana local, entre eles a importação de modelos arquitetônicos do ecletismo, presentes nas residências e palacetes do pequeno grupo de endinheirados da cidade: comerciantes, negociantes, e políticos (VIDAL, 2008, p.1)”. Este devaneio não durou muito tempo devido as oscilações do mercado e a concorrência com a goma vinda do oriente, e principalmente aos grandes empréstimos de bancos europeus adquiridos para cobrir todas as suas aspirações. Isso custou um preço caro para a economia e a cidade, que em 1912 culminaria na saída de Antônio Lemos do governo.

Este processo de modernização da cidade de Belém, caracteriza as cidades latino-americanas, por não estar baseado inteiramente na industrialização dos processos produtivos como propulsor do crescimento das cidades. Desta maneira, a cidade tornou-se “um produto criado como uma máquina para inventar a modernidade, estendê-la e reproduzi-la” (GORELIK, 2003, p. 13), vinculada às esferas estatal, ideológica e técnica. Essa modernidade, ocorrida na década de 1930, era parte dos planos estatais. Este grande patrocinador vislumbrou o sonho de poder e por meio da arquitetura moderna, tornando-a seu principal instrumento consolidador, estendendo-se até os anos 1950 com o Estado desenvolvimentista. “Assim por meio da arquitetura, vanguarda e estado confluem na necessidade de construir uma cultura, uma sociedade e uma economia *nacionais*” (GORELIK, 2005, p.16). A arquitetura moderna é adotada por muitos governos latino-americanos, como do Brasil, que desta maneira implementou obras de modernização no seu distrito federal e nas capitais dos estados da federação.

A revolução promovida pelo governo de Getúlio Vargas em 1930, em que o Estado planejava a modernização das cidades com uma renovação da edificação institucional, neste planejamento Belém estava incluída. Nesse momento, a cidade estava sob a gestão do Interventor federal no estado do Pará, Magalhaes Barata, designado por Vargas, que cumpria integralmente as políticas propostas pelo governo central, as quais retomaria a lembrança de uma Belém de outrora, apesar das limitações financeiras. Essas intenções tendo por aliado o intendente municipal Abelardo Condurú (1936-1943), e juntos promoveram a capital do estado à cidade moderna, com alargamentos de vias e a construção de edifícios de linhas modernas com técnicas inovadoras (VIDAL, 2016).

As obras de modernização se concentraram, principalmente, na Avenida 15 agosto (atual Av. Presidente Vargas) regulando o traçado e fomentando a ocupação do entorno, abrindo precedentes para edifícios em altura, começando pelo Edifício-sede dos Correios e o Central Hotel em 1938, que adentrou aos anos 40 com a Sede da companhia de navegação *Booth Line* e Ed. Dias Paes (1945), Ed. Piedade (1949) e prosseguiu para os anos 50 com o Ed. Renascença (1950), Ed. do IAPI (atual INSS) em 1958 e o longo, porém prospero marco do moderno o Edifício Manoel Pinto da Silva construído em três etapas, começando em 1951 até 1960, consagrando a Avenida 15 de agosto como a plataforma propulsora da modernidade (VIDAL, 2016).

Desta maneira, demonstra como a modernidade por meio da arquitetura moderna foi incorporada culturalmente em Belém, inserindo um novo modo de vida, novas necessidades e uma nova forma de morar, primeiramente, pelo Estado, incorporado pelos projetistas e construtores em sua maioria engenheiros, e, posteriormente, absorvida pela sociedade como ideal de modernidade.

A recepção da nova moradia moderna.

No final dos anos 1930 em Belém as edificações apresentavam mosaico de soluções ecléticas de períodos precedentes e um neocolonialismo amorfo, de procedências não definidas e uma rara afinidade com a arquitetura regional (DERENJI, 2001). Neste momento houve necessidades do “moderno” na cultura, na sociedade e na economia que conduziram a um estilo de vida moderna (HARVEY, 2006), assim, nos anos 1940 houve o anseio pelo moderno que culminou com o processo de verticalização das edificações institucionais, comerciais e residenciais. Este último teve uma intensa publicidade que demonstrava esta nova tipologia residencial como ideal de modernidade, pois apresentava um novo “espaço de moradia e oferecia uma nova concepção de habitar típica das cidades americanas de ritmo diferenciado da capital paraense (MACHADO; CHAVES, 2013, p.3)” e por meio de técnicas construtivas inovadoras recém-chegadas a cidade possibilitariam a construção dos edifícios modernos e satisfazerem as exigências de seus usuários. Desta forma, Derenji (2001) ressalta:

Mais precisamente, as edificações em altura são feitas, portanto, para uma classe alta que opta por verticalizar as áreas altas centrais ou periféricas ao centro, com edifícios de apartamentos amplos e, em alguns casos de luxo, que substituem a residência unifamiliar como símbolo de *status*. Esses edifícios tem uma arquitetura simples e funcional. [...]. É o caso dos edifícios Piedade (1949), Uirapurú (1951) e Renascença (1952) (DERENJI, 2001, p. 3).

Apesar das inaugurações, havia ainda certa resistência a edifícios em altura. Deste modo, o edifício São Miguel (1957) do engenheiro Edmar Penna de Carvalho, e também o edifício Dom Carlos (1956/1957) do engenheiro Camilo Porto de Oliveira, atraíram olhares

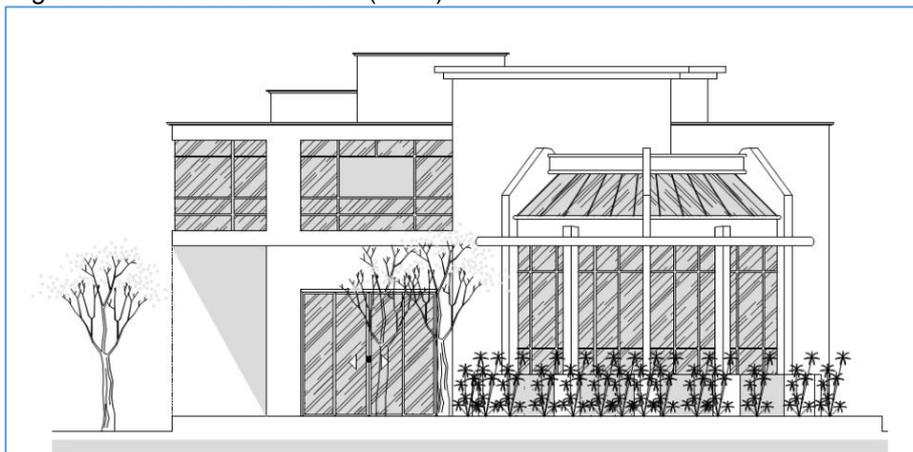
mais receptivos pela concepção mais reduzida em altura, apenas 4 pavimentos, que causava uma familiaridade com as residências unifamiliares. Não obstante, os traços de similaridades da arquitetura moderna brasileira, como, o térreo em pilotis, o racionalismo do partido arquitetônico sem que retirasse sua leveza, com elementos vazados na fachada criando em maior conexão entre o interno e o externo (MACHADO; CHAVES, 2013).

A recepção da arquitetura moderna nos anos 1940 e 1950, foi tomada por uma demanda de grupos sociais, como comerciantes, empresários bem-sucedidos e profissionais liberais que ascenderam economicamente e por meio dela buscavam sua representação e legitimação. Contrataram engenheiros e construtores para as encomendas, suas casas, haja vista que não havia arquitetos titulados na cidade. Movidos pelo anseio “pelo ‘novo e moderno’, no qual figuratividade e funcionalidade, localização privilegiada e novas espacialidades, comporão o cenário do padrão de modernidade da ‘Belém modernista’ (CHAVES, 2012, p. 2)”. A cidade crescia para áreas suburbanas, onde as dimensões dos terrenos eram mais generosas e adquiridos pelos grupos sociais mais abastados de famílias tradicionais e por grupos imobiliários que ali construam os primeiros condomínios em Belém (CHAVES, 2012).

Neste cenário, a figura do engenheiro Camilo Porto de Oliveira sobressaia, se tornando um expoente da produção de arquitetura residencial unifamiliar. Ele introduziu inovações da arquitetura moderna brasileira, com inclinação as praticadas pela *escola carioca*. Suas residências passam a ser referências nos círculos sociais da nova burguesia, a partir da construção de sua primeira casa com referências modernas segundo Camilo Porto de Oliveira, a Casa Moura Ribeiro em 1949 (Figura 1). Destacando-se pela concepção formal e elementos construtivos, de maneira a atender a expectativa de seus clientes e adequando-a ao contexto regional. Desde a implantação no terreno com afastamentos laterais, promovendo a melhor circulação do ar, incluindo a utilização de *brise soleil* e cobogós para a proteger da isolamento e a utilização da elevação de piso para conter a umidade do solo (CHAVES; DIAS, 2016a). Este conjunto de soluções arquitetônicas faz com que “a casa adquira assim uma dimensão pública, expondo-se como um objeto moderno na cidade, quase uma escultura (CHAVES, 2008, p.160 apud CHAVES; DIAS, 2016a, p. 3)”. Camilo Porto, a partir deste momento recebe várias encomendas de clientes ávidos pela modernidade e seu sucesso está relacionado, no que Chaves (2012) afirma que:

Por sua capacidade de relacionar-se com a precariedade de um meio tecnológico e material, ou fazer de sua obra um elemento criador de uma nova realidade para parte da sociedade, e uma referência de modernização para os que não podiam pagar por seus projetos, este profissional contribuiu para a difusão de uma maneira própria e regional de produzir a arquitetura nesta parte da Amazônia brasileira (CHAVES, 2012, p.5)

Figura 1: Casa Moura Ribeiro (1949).



Fonte: Laboratório de historiografia da arquitetura e cultura arquitetônica (LAHCA-UFFPA).

A produtividade de Camilo Porto seguiu-se pelos anos 1950, destacando algumas, como, Casa Bittencourt (dec. 50), casa Chamié (dec.50), Casa Belisário Dias (1954) e Casa Bendahan (1957). Suas construções atingiram além da primeira légua patrimonial ao longo da avenida Almirante Barroso, chegando a condomínio presente na região metropolitana, ampliando o eixo da modernização da cidade. As condições para a projeção estavam favoráveis, além da carta de clientes abastados, como a dimensões dos terrenos, maiores que das áreas centrais, que possibilita uma maior liberdade volumétrica entre adições e subtrações para que se alcançasse o equilíbrio. Além da maior transparência nas fachadas e a eleição de materiais de acabamento (CHAVES; DIAS, 2016a)

Destacando o projeto da Casa Belisário Dias (1954) (Figura 2), pela rica composição de elementos estéticos-estruturais dentro do conjunto formal da obra. Na fachada principal, voltada para avenida Almirante Barroso, apresenta-se uma marquise, que sinaliza a entrada da residência, combinada com um conjunto de arcos que sustentam o volume semicircular que está sobre o ambiente estar/jantar da residência e acompanhada de *brises* enfileirados serpenteando até o limite do terreno. Na face esquina da travessa Vileta, há perfeita apreciação da curvatura do arco e também se percebe a presença de volume acima da casca de concreto que demonstra a existência de um pavimento superior, este volume há presença de significativo número de *brises* e a cobertura em telhado em “V”, além de uma entrada lateral para o abrigo de automóvel e um bloco anexo a casa (CHAVES; DIAS, 2016a). Uma característica do projeto é a elevada quantidade de aberturas promovendo a conexão do ambiente externo e interno, além dos afastamentos laterais com jardim que promovem a ventilação e também a contemplação da casa.

Figura 2: Casa Belisário Dias (1954).



Fonte: Chaves (2006).

A produção de arquitetura moderna em Belém foi fruto da interpretação de engenheiros sobre a linguagem da arquitetura moderna brasileira, principalmente da escola carioca. Visto a necessidade de legitimar a atividade de arquiteto, a qual possibilitaria um campo de atuação maior, nos anos 1960, mais precisamente em 1964 a fundação do curso de arquitetura, habilitando em dois anos engenheiros a atuarem como arquitetos. Camilo Porto de Oliveira incentivador e aluno da primeira turma, com formação de arquiteto em 1966 (CHAVES, 2012). Nesta mesma década a atuação de Porto de Oliveira continua intensa, porém com certa diferença da década anterior, demonstra simplicidade e regularidade da forma na composição formal de seus projetos, sem a habitual reprodução sistemática de elementos de referências modernas (CHAVES; DIAS, 2016b). Nos anos 1960 Porto aposta em elementos de fachada, pontuados por Vidal et al (2017), como platibandas em plano reto e plano inclinado, janelas com venezianas e uma grande diversidade de texturas aplicadas, entre pedras e revestimentos cerâmicos, a exemplos das casas Jayme Rendeiro (1963), Chalú Pacheco (1963) e Aziz Mutran II (1966).

O exemplar da década de 1960 ressaltado dentre o conjunto de obras desse período é a Casa Presidente Pernambuco (déc.60) (Figura 3), como a presença de panos de vidro linear na fachada percorrendo em sua extensão, protegida da isolação por um frontão em plano inclinado. Indicando uma valorização das transparências, já presente no repertório do autor, apresenta um maior refinamento na utilização dos acabamentos em pedras polidas e um pilar em formato trapezoidal na fachada, além de marquise que servia como abrigo para automóvel e o partido arquitetônico ainda compõe com jardins frontais e laterais (CHAVES; DIAS, 2016b). O conjunto compositivo-formal demonstra a revolução projetual presente neste momento de atuação profissional de Porto de Oliveira, a qual o tornou um expoente na produção da arquitetura moderna residencial na cidade.

Figura 3: Casa Presidente Pernambuco (dec. 60).



Fonte: Site Fragmentos de Belém – Retirada da Revista Belém 350 anos, 1966.

A apropriação da estética modernista nas residências.

Os questionamentos de Walter Gropius em 1955 sobre a arquitetura moderna produzida por Oscar Niemeyer sobre o projeto da casa das canoas, sobre o paradoxo entre a produção e a reprodução desta arquitetura, devido a impossibilidade da reprodução em larga escala ou uma pré-fabricação, procedimento comum realizado na Europa. Porém, no Brasil houve a reprodução de fragmentos dos elementos da estética do modernismo, que foram reproduzidos maciçamente por meio de processos e técnicas adaptáveis a realidade local (LARA, 2002).

A apropriação da estética modernista publicitada intensamente pelo governo e veio atender inicialmente as elites locais nos anos 1950, as quais podiam custear a prática desta arquitetura moderna, tornando-a signos de *glamour* e *status* (LARA, 2005a). Desta forma, estes grupos sociais vindos da elite tradicional remanescente da época da borracha e da nova burguesia, comerciantes e profissionais liberais, em Belém se utilizaram desta estética em suas casas modernas para sua legitimação perante a sociedade local, produzindo um significativo número de exemplares de referências modernas na cidade.

A estética modernista transpôs as barreiras monetárias, sendo assimilada por outras camadas da sociedade, como a classe média ávida por uma parcela de modernidade. Assim, “o homem da rua, cético e irônico por natureza, começou a se orgulhar dos edifícios que no início considerava engraçados e bizarros (MARTINS, 2011, p.143)”, esta percepção dessas residências de classe média infere uma identificação com o moderno pela “reapropriação, revisão e replicação” (LARA, 2005a) do elementos estéticos-formais da arquitetura moderna brasileira presentes nas fachadas da casas. Essa manifestação merece ser pesquisada e colaborar para a historiografia da arquitetura brasileira presente no século XX. Por mais que

esta apropriação arquitetônica foi considerada *kitsch* (GUIMARÃES e CAVALCANTI, 2006; LARA, 2005a; MARTINS, 2011) e também “uma modernidade de fachada” (LARA, 2005a) produzida muitas vezes por não-arquitetos, o estudo demonstraria quão foi a dimensão em que esta assimilação estética da arquitetura moderna tomou na cidade de Belém. Cabe aqui a citação em que Lara destaca o trecho do discurso de Artigas na FAU/USP, quando afirma que:

[...] na própria vulgarização de certas conquistas da arquitetura brasileira devemos ver o reflexo da simpatia geral pelo esforço renovador e pelas soluções que ela propõe. Há os que encaram a rápida aceitação e reprodução de certas formas construtivas sem suficiente assimilação crítica ou elaboração criadora, como um sintoma de decadência. A democratização das conquistas da arquitetura deve ser encarada como o desejo ardente, por parte do povo, da aquisição de uma linguagem nova no campo da arquitetura (ARTIGAS, 1956 apud LARA, 2002, p. 2).

Lara (2005a) pontua ainda, que nas casas de classe média há uma sobreposição de elementos conflitantes, com conceitos de recortar, colar e montar do repertório estilo “moderno”. Os colaboradores dos projetos das edificações, em entrevistas, moradores relatam que a casa havia sido projetada por um parente ou amigo que era formado ou era concluinte do curso de arquitetura ou engenharia. Além, de um sinal de “contaminação” deste estilo, pela vizinhança seguindo o perímetro da rua, pela de repetição dos elementos compositivo das casas.

A análise sistemática das obras de referências modernas em alguns bairros, nos instiga a realizar estudos sobre suas representações e conhecer exemplares, ainda não apreciados pela historiografia. Esta análise contribuirá para estruturação de um arcabouço teórico e formal sobre essa arquitetura de carácter popular, porque muito provavelmente não foram derivadas de projeto arquitetônico “formal”. A partir disto vislumbrar a busca exemplares além do “eixo” (CHAVES, 2012) da modernidade, que compete a avenida Presidente Vargas (antiga 15 de gosto), seguindo pela avenida Nazaré e Magalhães Barata e partindo para o eixo de expansão da cidade na década de 1950, a avenida Almirante Barroso (antiga Tito Franco). O estudo visa explorar o campo dos eixos e expressões da arquitetura moderna na primeira légua patrimonial da cidade.

O conjunto de elementos formais e funcionais presentes na estética modernista em Belém, nos leva a uma base da utilização da tecnologia em concreto armado e da diversidade em que este material pode ser utilizado, e assim apresentou-se na arquitetura moderna residencial, desde: cascas em concreto, marquises, arcos, pilotis retos e em forma de “V”, *brises* horizontais e verticais. Além das maiores aberturas nas fachadas em panos de vidro, utilização de venezianas e elementos vazados, como cobogós e tijolos de vidro. Nas coberturas em telhados “borboleta”, platibandas em plano reto e inclinado. Esses elementos

estão presentes tanto na arquitetura erudita, produzidas por engenheiros e arquitetos, quanto na arquitetura popular produzidas por não-arquitetos. Dessa maneira, “o artefato construído pelo saber fazer não pode ser dissociado do contexto de necessidades e usos daqueles que o pensaram, e também é passível de modificações (COSTA, 2015, p.26)”. As casas construídas se diferenciam pela escala de edifício, pela dimensão do terreno e pela eleição de elementos formais suas fachadas.

Esta análise é fruto de pesquisa de mestrado PPGAU/UFPA, apresentando resultados parciais sobre a localização destes exemplares de referências modernas e leituras dos elementos estéticos-formais presentes nos mesmos.

Mapeamento e caracterização das residências: o moderno popularizado.

A busca, como *flâneur*, por exemplares de residências de referência moderna iniciou por três bairros da capital paraense: Reduto, Cidade Velha e São Brás. Por meio de um levantamento fotográfico pôde-se perceber um conjunto significativo de exemplares de referência moderna nas vias desses locais, verificando como se deu a assimilação e a apropriação desta linguagem moderna da arquitetura nos exemplares encontrados. O bairro do Reduto (Figura 4), nas proximidades da avenida Presidente Vargas (antiga avenida 15 de agosto), apresenta elementos da arquitetura moderna em suas residências, que apesar dos terrenos de menor dimensão, os aproveitamentos dos partidos arquitetônicos foram precisos.

Figura 4: Conjunto das residências do bairro do Reduto.



Há uma variação de elementos apresentados em cada logradouro, por exemplo, na travessa Benjamin Constant (Figura 5), no perímetro da avenida Governador José Malcher até a área portuária na avenida Marechal Hermes, apresenta exemplar a Casa 844, uma característica transitiva de estilos, da cobertura em telhado tipo bangalô, um momento anterior a arquitetura moderna, porém elementos como pilares em 'V', sustentando a varanda do pavimento superior e a cobertura acima dela. Seguindo a Casa 802, já nos mostra um avanço maior, como pilotis em parte do pavimento térreo, os pilotis seguem para a sacada superior apoiando a marquise em concreto armado que faz parte da cobertura, a presença de elementos vazados e uma disposição de telha que remete ao telhado em 'V', porém sem a presença de platibanda, apenas com a empena. Importe ressaltar que nos dois casos já há a presença de recuos frontais e laterais. Diante deste cenário Belém em busca da modernidade, "a arquitetura produzida em Belém assumiu em seu *corpus* projetual os estilismos modernos, em soluções arquetípicas de partido arquitetônico, em elementos e detalhes formais e de suporte estrutural (CHAVES, 2012, p.3)". Adiante, a Casa 774, sobrado, com um robusto volume prismático em balanço ocupando toda a extensão do terreno, repleto de elementos vazados sua fachada.

Figura 5: Casas 844, 802 e 774, na Tv. Benjamin Constant, bairro do Reduto.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

No bairro da Cidade Velha, local de fundação da cidade de Belém e predomínio de arquitetura colonial no século XVII e ecletismo no século XIX. O bairro apresenta o quantitativo mais expressivo, quinze, de exemplares de referência moderna do estudo (Figura 6). Isto demonstra como a modernidade inseriu-se culturalmente na sociedade, por meio da arquitetura moderna que transpôs arquitetura anteriores e tradicionais de um bairro histórico. Surpreendente, pela característica tipológica dos terrenos, delgados, com testadas curtas e comprimento longo, além da irregularidade da forma. A exceção são os exemplares encontrados na avenida Almirante Tamandaré possuem terrenos mais generosos.

Figura 6: Conjunto das residências do bairro da Cidade Velha.



Fonte: George Lima (2018).

As casas possuem aproveitamento das testadas por completo, com pequenos recuos frontais e laterais para uma pequena contemplação do edifício e também para a locação de pequenos jardins. A concepção formal é mais racional, com linhas *cobusianas* e com a aplicação de revestimentos cerâmicos e texturas. Os edifícios em sua maioria sobrados e em alguns o uso de planos inclinados na fachada típicos dos anos 1960. “Estas soluções perseguem certas constantes compositivas: a adequação das soluções espaciais às funções exigidas, o uso de uma geometria tipificada que está presente tanto em espaços interiores como nas superfícies exteriores (CHAVES, 2012, p. 3)”.

A casa 376 da rua Dr. Malcher esquina com a travessa Capitão Pedro Albuquerque, nos apresenta uma bela contemplação do edifício, sobrado, com recuos e jardineiras, de forma cúbica e fachadas com grandes aberturas em esquadrias em alumínio com bandeiras em vidro no pavimento superior e venezianas no pavimento térreo, além de revestimentos em pedra e cerâmicos e a cobertura em platibanda reta. Caso semelhante é a casa 929 da rua Arsenal de esquina com a rua Óbidos com a diferenciação da ausência de jardineiras e com a aplicação de painéis em baixo relevo na fachada frontal no térreo em madeira e no pavimento superior em metal. Seguindo para a casa 211 da avenida Almirante Tamandaré, se destaca entre os três exemplares encontrados, pela concepção do partido diferenciado em uma escala mais elevada que edifícios de mesma tipologia e do caráter compositivo da forma. O exemplar apresenta parcialmente o térreo em pilotis, no que compete a um pátio frontal e a garagem, que sustentam um generoso volume do pavimento superior em formato prismático

trapezoidal. A fachada rica em elementos vazados, entre cobogós e gradis, que preenche quase com inteiro o volume superior, além de uma platibanda como um frontão (Figura 7).

Figura 7: Casa 376, casa 929 e casa 211, bairro da Cidade Velha.



Fonte: Rodrigo de Lima (2018).

O bairro de São Brás, localizado na confluência das avenidas Magalhães Barata, Almirante Barroso e ainda a avenida Governador José Malcher, local onde encontram casas projetadas por Camilo Porto de Oliveira, como a Belisário Dias e a Bittencourt, também a icônica Escola Benvinda de França Messias do arquiteto Edmar Penna de Carvalho, presença de marcos de arquitetura moderna no bairro da década de 1950 (Figura 8). Apesar disso, é o bairro menor quantitativo de exemplares, todavia não menos relevantes. Os exemplares encontrados de casas de referências modernas são tanto sobrados, quanto casas térreas. Estas com uma menor eleição elementos estéticos-formais, porém evidentes em suas fachadas e os sobrados são de características diferentes, um com a presenças de vários elementos compositivos nas fachadas que remetem aos anos 1950 e o outro com simplicidade formal e regularidade da forma, mais comum nos anos 1960. Algo presente nos terrenos é a presença de testadas estreitas.

Figura 8: Conjunto das residências do bairro de São Brás.



Fonte: George Lima (2018).

A casa 1967 da travessa 14 de abril, se destaca pela eleição de poucos elementos formais e estruturais para a composição de sua fachada, por apresentar pilar em forma de “V” e assimétrico como elemento central que sustenta uma marquise em concreto armado que cobre um pequeno pátio e a abrigo para automóvel, também uma platibanda de formato trapezoidal que esconde o telhado. Os elementos evidenciados lhe dão destaque no conjunto do entorno residencial, apesar de sua escala ser menor, ser uma casa térrea. Seguindo para a casa 1226 da avenida José Bonifácio, estando no limite entre o bairro de São Brás e Guamá, em tipologia de sobrado. Esta apresenta testada maior e sendo a primeira casa de uma vila, evidencia um conjunto de elementos estéticos- formais como um semiarco nasce rente ao solo, sua abertura se eleva até a linha de segundo piso e seguindo até a limite do terreno, onde há um piloti que sustenta o pavimento superior elevado sobre a entrada da vila. Além de apresentar *brises* em concreto e varanda com guarda-corpo estruturado em concreto, a cobertura com empena como frontão com ventilação do forro e telhado em fibrocimento. Já casa 807 da travessa Francisco Caldeira Castelo Branco, apresenta em sua testada estreita elementos da arquitetura moderna produzida em Belém similar aos dos anos 1960, pela simplificação formal do partido que destaca o volume do segundo pavimento apoiado em elementos estruturais laterais em plano inclinado rente ao limite do terreno, com esquadria que contempla o comprimento por completo da fachada, com folhas em venezianas e vidro. Outro destaque é a casa 3453 da avenida Conselheiro Furtado, de uma escala edificada reduzida e uma testada não mais de 3 metros de comprimento, porém a utilização dos elementos formais da arquitetura moderna é explícita, como o recuo frontal como pequeno

pátio e mureta com elementos vazados, cobogós, e um pequeno pórtico de entrada em concreto armado de desenho assimétrico sustentado por pilotis tubulares e metálicos (Figura 9).

Figura 9: Casa 1967, casa 1226, casa 807 e casa 3453 do bairro de São Brás.



Fonte: Rodrigo de Lima (2017).

Evidencia-se novamente a questão da assimilação da linguagem da arquitetura moderna como parte integrante da sociedade e ideal de modernidade da época, por meio da apropriação dos elementos estéticos-formais da arquitetura moderna como uma participação da manifestação da modernidade ocorrida na cidade e aplicada por instâncias políticas e sociais elitistas dos anos 1950-60. Cabendo aqui a afirmação de Martins, quando aponta que:

Qualquer pessoa que ande por uma cidade média no Brasil encontrará, se a intensa especulação imobiliária a ainda não tiver destruído, bairros residenciais construídos nos anos 1950, em que se encontram inúmeras casa à la Niemeyer: pilotis em V, coberturas em tesoura invertida, elevação de piso [...]. Certamente não são obras de Niemeyer e, na maioria das vezes, nem de arquitetos. De uma perspectiva sociológica estrita essas obras serão consideradas *kitsch*. Para nós esse fenômeno deveria interessar em outra perspectiva. Importa assinalar aí que, num dado momento da história do país, a classe média, inclusive das pequenas cidades do interior, teve o “moderno como valor. (MARTINS, 2011, p. 160)

Considerações finais.

A modernidade na arquitetura aqui estudada parte de iniciativas de particulares, as quais propiciaram transformações nos modos de vida, e, por sua vez, contribuíram para a adoção de novas formas de morar. Este ideal de modernidade foi paulatinamente incorporado

pela sociedade, primeiramente, pela elite local e uma nova burguesia que ascendia economicamente e necessitava deste “novo” e “moderno” para o reconhecimento perante a sociedade e a cidade, e, posteriormente, pela classe média e demais camadas sociais, como desejo integrante deste “moderno”. Como afirma Vidal:

Essa realidade que nos convida a pensar esse moderno a partir de outro ponto que vê como importante tanto as circunstâncias, os ideários, a movimentação dos atores no espaço social, quanto os objetos materializados no espaço físico, buscando a não naturalização dos fatos históricos, mas o entendimento das tramas e motivações que o fizeram surgir. (VIDAL, 2016, p.23)

A recepção desta arquitetura moderna se legitima com a produção de edifícios na cidade, salientando a produção de residências e a figura de Camilo Porto de Oliveira, que contribuíram para a construção de uma “nova” história da cidade para o esquecimento de tempos difíceis pós economia da borracha. A concretização do moderno pelas edificações implementadas na cidade, por meio da tecnologia do concreto armado possibilitou uma gama de elementos estéticos-formais que caracterizam tal arquitetura como signo de uma época. Este signo estético e cultural, demonstra-se nos elementos formais apresentados nas fachadas de um número significativo de casas de presentes nos bairros pesquisados, assim como, a maneira em que esses elementos foram apropriados para sua concepção.

A assimilação de estética modernista é evidenciada na variedade de formas e escalas dos edifícios e terrenos que foram implementadas, tanto nas proximidades das áreas centrais, como em áreas mais periféricas. Isto demonstra que a linguagem moderna foi incorporada como um “*status* de identidade social” (LARA, 2005b) e ideal de modernidade, com a adaptação de tecnologias e materiais disponíveis para tal feito. Desta forma, parafraseando Waisman (2013) em que a ideologia da modernidade nos leva como correto um único caminho para o progresso, se evidencia nas dezenas de casas modernistas e ‘modernosas” (LARA, 2005a) presentes na cidade observadas no estudo e evidenciados nos mapas apresentados.

É importante salientar que as casas apresentadas são parte da pesquisa em desenvolvimento e o estudo realizado até o momento, evidencia que existe uma variedade significativa de exemplares que apresentam variações interessantes de um moderno que passa pela apropriação tanto de formas e elementos exteriores. A próxima fase da pesquisa se centrará no processo de assimilação e adaptação da concepção espacial a partir das residências projetadas por engenheiros e arquitetos, tanto em Belém como em outras expressões da arquitetura moderna brasileira.

Referências bibliográficas.

CHAVES, C. **Recepção, particularidades e limites da arquitetura modernista produzida em Belém.** In: Seminário Internacional Brasil-Argentina-México - 4º Encontro de estudos comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas - A Circulação das ideias na América Latina: o moderno na Arquitetura e Urbanismo, v. 01. Uberlândia, 2012.

CHAVES, Celma; DIAS, Rebeca. **Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970).** In: Seminário DOCOMOMO – BR, 11, O Campo Aplicado do Movimento Moderno. Recife, 2016a.

_____. **Documentação e Análise da Arquitetura Residencial em Belém (1949-1960).** In: Seminário da arquitetura moderna na Amazônia, 1. Manaus, 2016b.

COSTA, Laura Caroline de Carvalho da. **Raio que o parta! Assimilações do modernismo nos anos 50 e 60 do século XX e seu apagamento em Belém (Pa).** 2015. 176f.

Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade federal do Pará, Belém/PA.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Modernismo na Amazônia. Belém do Pará, 1950/70.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 017.04, Vitruvius, out. 2001 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/838>>.

GORELIK, Adrián. **Lo Moderno en debate: Ciudad, modernidad, modernización.** *Universitas Humanística*, núm. 56. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia. Junio 2003, pp. 11-27. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79105602>. Acessado em: 11/04/2017.

_____. **Das Vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina.** Ed.: UFMG, Belo horizonte, 2005.

GUIMARÃES, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura Kitsch: suburbana e rural.** Ed.: Paz e Terra. 3ª edição, 2006.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna.** Ed.: Loyola. São Paulo/SP. 15ª edição: maio de 2006.

LARA, Fernando. **Modernismo de Fachada? Considerações sobre a Apropriação Popular das Estética Modernista.** In.: SHCU 1990 – Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 7, n.1, 2002. Disponível: <unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/884/859>. Acessado em 14/11/2016

_____. **Modernismo: Elogio ou Imitação?** In.: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n. 13, p.171-184, dez. 2005a. Disponível: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/783>. Acessado em 14/11/2016.

_____. **A insustentável leveza da modernidade.** Arquitectos, São Paulo, ano05, n.057.04, Vitruvius, fev.2005b. Disponível: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/05.057/500>. Acessado em 14/11/2016.

MACHADO, Izabelle; CHAVES, Celma. **Moradias modernistas em Belém (PA): documentando um novo modo de vida.** In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 3.Belo Horizonte, 2013.

MARTINS, Carlos A. F. **“Há algo de irracional...”.** **Notas sobre a historiografia da arquitetura brasileira.** In.: Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: v.2/ organização Abilio Guerra. Ed.: Romano Guerra, São Paulo, 2010, p.131-168.

VIDAL, C. C. S. P. **Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém.** Arquitectos, São Paulo, 094.06, Vitruvius ano 08, mar 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revista/read/arquitectos/08.094/161>. Acessado em 17/08/2016.

_____. **Experiências do Moderno em Belém: construção, recepção e destruição.** **VIRUS,** São Carlos, n. 12, 2016. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=4&item=11&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2016.

VIDAL, C. et al. **O percurso da modernidade arquitetônica de Camilo Porto de Oliveira: da diversidade à simplificação formal.** In: Seminário da Arquitetura moderna na Amazônia, 2. Palmas, 2017.

WAISMAN. Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para o uso de latino-americanos.** São Paulo: Perspectiva, 2013.